

# Carlos Drummond de Andrade – Reconhecimento do amor

Amiga, como são desnorteantes  
os caminhos da amizade.

Apareceste para ser o ombro suave  
onde se reclina a inquietação do forte  
(ou que forte se pensava ingenuamente).

Trazias nos olhos pensativos  
a bruma da renúncia:

não querias a vida plena,  
tinhas o prévio desencanto das uniões para toda a vida,  
não pedias nada,  
não reclamavas teu quinhão de luz.

E deslizavas em ritmo gratuito de ciranda.

Descansei em ti meu feixe de desencontros  
e de encontros funestos.

Queria talvez – sem o perceber, juro –  
sadicamente massacrar-te

sob o ferro de culpas e vacilações e angústias que doíam  
desde a hora do nascimento,

senão desde o instante da concepção em certo mês perdido na  
História,

ou mais longe, desde aquele momento intemporal  
em que os seres são apenas hipóteses não formuladas  
no caos universal.

Como nos enganamos fugindo ao amor!

Como o desconhecemos, talvez com receio de enfrentar  
sua espada coruscante, seu formidável  
poder de penetrar o sangue e nele imprimir  
uma orquídea de fogo e lágrimas.

Entretanto, ele chegou de manso e me envolveu  
em doçura e celestes amavios.

Não queimava, não siderava; sorria.

Mal entendi, tonto que fui, esse sorriso.  
Feri-me pelas próprias mãos, não pelo amor  
que trazias para mim e que teus dedos confirmavam  
ao se juntarem aos meus, na infantil procura do Outro  
o Outro que eu me supunha, o Outro que te imaginava,  
quando – por esperteza do amor – senti que éramos um só.

Amiga, amada, amada amiga, assim o amor  
dissolve o mesquinho desejo de existir em face do mundo  
com olhar pervagante e larga ciência das coisas.  
Já não defrontamos o mundo: nele nos diluímos,  
e a pura essência em que nos transmutamos dispensa  
alegorias, circunstâncias, referências temporais,  
imaginações oníricas,  
o voo do Pássaro Azul, a aurora boreal,  
as chaves de ouro dos sonetos e dos castelos medievos,  
todas as imposturas da razão e da experiência,  
para existir em si e por si,  
à revelia de corpos amantes,  
pois já nem somos nós, somos o número perfeito:  
UM.

Levou tempo, eu sei, para que o Eu renunciasse  
à vacuidade de persistir, fixo e solar,  
e se confessasse jubilosamente vencido,  
até respirar o júbilo maior da integração.  
Agora, amada minha para sempre,  
nem olhar temos de ver nem ouvidos de captar  
a melodia, a paisagem, a transparência da vida,  
perdidos que estamos na concha ultramarina de amar.

**Carlos Drummond de Andrade, Amar se aprende amando**